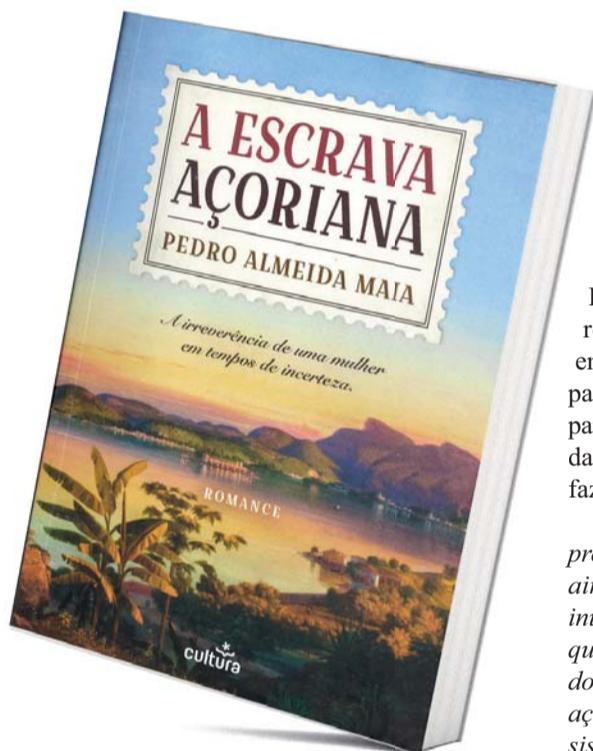




A Escrava Açoriana



“A irreverência de uma mulher em tempos de incerteza”. Esta, realmente, a melhor frase para caracterizar e definir o âmago deste romance de Pedro Almeida Maia, (Edição Cultura) que veio para marcar a literatura e ficção nos Açores, neste ano 2022.

Foi apresentado em Ponta Delgada, no passado dia 29 de Junho, pela Professora Susana Goulart Costa e foi também minha companhia nas últimas duas semanas pois, desde que comecei a lê-lo, senti que algo de diferente me esperava, na medida em que, conhecendo bem o seu autor e meu Amigo, Pedro Almeida Maia, nele vejo sempre uma forma diferente de comunicar, um jeito novo de abordar os assuntos e um contínuo amadurecimento literário que vai fazendo de cada um dos seus romances um degrau importante de afirmação pessoal e universal.

Desta feita, Pedro Almeida Maia leva-nos a uma viagem entre os Açores e o Brasil, no último quartel do século XIX e no dealbar do século XX. Com a mesma mestria em tratar as questões sociais emergentes em cada época coincidente com as sua narrativas ficcionadas, como já havíamos tido ocasião de verificar em “Ilha-América”, o autor delicia-nos com uma escrita em que o romance se encadeia com a história, de tal forma que cada passo dos e das personagens está ao serviço de uma contínua e profunda investigação, para mim um cunho muito especial deste autor açoriano.

Rosário é mais que um nome. Rosário é uma incarnação de lugares e tempos, vítima de prepotências, algumas selváticas e hediondas, mas heroína de querer, desde a ilusão sonhada

de fugir da miséria de um casebre lá para os lados do *Estradinho*, até ao sonho do regresso, nova fuga à outra escravidão, para vir encontrar quase o mesmo que havia deixado anos antes.

Marcou-me profundamente a forma como Pedro Almeida Maia assume a narração do romance, sempre na terceira pessoa, até que, em determinado momento – não vou dizer qual para deixar ao leitor este gosto literário – passa para uma narrativa em primeira pessoa, pela voz da filha da nossa heroína escrava que assim lhe faz tributo e memória.

Diz Almeida Maia que este romance “não pretende ser o relato de uma história verídica, ainda que o pudesse ser. Rosário incorpora inúmeras narrativas autênticas daquele tempo, que se podem encontrar em arquivos históricos, documentários e artigos. A escravatura branca açoriana foi uma dura realidade e ainda persiste na memória colectiva”. E é verdade! Os contornos de como eram arregimentados e arrematados os lugares clandestinos nos porões dos navios (o “*Lidador*” é um grande exemplo desse inferno), a forma como os senhores das cidades e das fazendas arranjavam meio de contornar e perpetuar a escravatura que acabara de ser abolida, e por cá, a forma como se via a emigração como meio de ir aliviando números de fome e miséria, tudo isto pode parecer chocante nos dias de hoje, em que muitas outras escravidões de todas as cores ainda vivem ao nosso lado, mas a crueza com que aqui neste livro o tema é abordado, faz-nos atravessar séculos como mar sem praia nos destinos da esperada igualdade, na dignidade de género, de trabalho e até de crença e religiosidade.

Lélia Nunes, escritora brasileira, de Santa Catarina, com raízes açorianas que não cansa de exaltar, estudando e divulgando esses quase três séculos de presença açoriana em terras de Vera Cruz, considera que este é “um romance incrível, tendo por cenário, a Ilha de São Miguel e o Brasil. A narrativa é de grande beleza por sua escrita escorreita, ágil e com movimentos crescentes. O emigrar, a travessia. A desumanidade, o trabalho escravo sem nunca vergar, o retorno. Sempre um contínuo crescer e construir-se. A arquitetura de uma mulher liberta de todas as amarras”.

De como se roubava uma galinha para amortizar nas rendas atrasadas, de como se pontapeava um atrevido, até a ter visto “destruída a decência que ainda lhe restava como mulher”, Rosário é um libelo acusatório e ao mesmo tempo uma sentença que se cumpre na coragem do regresso. Homenagem a tantos e tantas que deixaram os sonhos sepultados em terra de ninguém.

E para quem gosta de história, a forma como Almeida Maia nos leva ao tempo em que nascia a primeira Autonomia, em 1895. “Muitos dizem que foi naquele momento que se dividiram os Açores” (pag 183), ou nos fala da visita régia, Rosário a gritar perante o séquito real “Abaixo a monarquia” (pag 188), não esquecendo os tempos sombrios da Grande Guerra – bela descrição da demolição da ermida da Mãe de Deus – e os terríveis efeitos da “espanhola”, tudo isto embrenha o leitor naqueles mistérios da “fome, peste e guerra” que dão um grande peso histórico a este romance e confirmam o que Vamberto Freitas com propriedade escreve sobre Almeida Maia: “Está ele ao lado dos nossos melhores escritores, e nunca só dos Açores”.

mecida”.

Tenho de confessar aqui, em grato reconhecimento, a honra que me é dada de duas citações minhas, na contracapa do livro, imerecidamente ao lado de nomes como Miguel Real, Onésimo Almeida, Telmo Nunes ou Ermelindo Peixoto, mas de facto “a força da escrita de Pedro Almeida Maia reside aqui mesmo, nesta sede de infinito que mora na mensagem que nos deixa, com a ilha a ser universo que busca um universo que seja ilha”.

Numa entrevista concedida ao Açoriano Oriental, esta semana, Almeida Maia diz que “o meu objectivo principal continua a ser contar histórias”. Respeito a humildade do autor, mas creio que já está a milhas de distânc-



Há quase dez anos, era 2013, Pedro Almeida Maia deu-me a honra de apresentar o seu segundo romance, “Capítulo 41 – A Redescoberta da Atlântida”. E nessa altura eu afirmei que “para quem ainda faz da literatura açoriana uma ideia de mar, basalto e gaivotas, ausências e saudades, desengane-se porque com este autor há universos inteiros para explorar; há viagens para fazer e mistérios para desvendar”.

Não me enganei e a verdade é que este “A Escrava Açoriana” é um marco de ouro a assinalar os dez anos de vida literária de Pedro Almeida e Maia, ele que há uma década dizia que “para mim a escrita era uma paixão ador-

cia desse patamar, pois a sua escrita e os seus argumentos literários penetram bem fundo na senda da intervenção e da afirmação identitária pessoal e colectiva que faz dos seus romances obras de referência com substrato social muito profundo.

Só desejo que quem ler este “A Escrava Açoriana” possa comungar desta minha humilde, mas sincera opinião: um grande romance que sendo açoriano, simplesmente não tem fronteiras!